NARRATIVAS CINEMATOGRÁFICAS E FORMAÇÃO CRÍTICA: UM PERCURSO HISTÓRICO-REFLEXIVO

SIMONE MOLINA DA PAIXÃO

RESUMO

O presente trabalho se propõe a investigar o desenvolvimento histórico do cinema, desde o seu surgimento durante a Belle Époque, um período de efervescência cultural e avanços tecnológicos, até sua consolidação na indústria de Hollywood. A pesquisa apresenta também uma contextualização histórica sobre a sétima arte no Brasil. Busca-se discutir os principais marcos tecnológicos e estilísticos que caracterizaram esse período, bem como a influência das condições históricas e culturais na formação da linguagem cinematográfica. O cinema reflete os contextos históricos e culturais de sua época, e contribui para a formação de imaginários coletivos. As imbricações entre cinema e educação transcendem a simples exibição de filmes em sala de aula, mas possibilitam a formação de um olhar crítico sobre as produções audiovisuais e as mensagens que essas carregam. O letramento audiovisual deve ser incorporado ao processo educativo, permitindo que os estudantes desenvolvam habilidades de análise e interpretação crítica dos discursos fílmicos.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; Educação; Letramento Audiovisual; Transformação Social.

INTRODUÇÃO

O cinema, desde sua invenção no final do século XIX, consolidou-se como uma das manifestações artísticas mais significativas da modernidade. Durante a Belle Époque, um período de efervescência cultural e avanços tecnológicos, os primeiros filmes foram projetados como meras curiosidades científicas, mas rapidamente se transformaram em um novo meio de expressão e entretenimento. O desenvolvimento cinematógrafo pelos irmãos Lumière marcou a história da arte e da comunicação visual, estabelecendo as bases para a linguagem cinematográfica que se desenvolveria ao longo do século XX.

Com a popularização do cinema, sua evolução foi marcada pela transição de produções documentais para narrativas ficcionais cada vez mais elaboradas. Cineastas exploraram as possibilidades técnicas e estéticas do novo meio, contribuindo para o desenvolvimento da montagem cinematográfica e da linguagem visual. No início do século XX, a indústria do cinema estadunidense passou por uma transformação significativa, culminando no estabelecimento de Hollywood como o epicentro da produção mundial de filmes. O cinema tornou-se um fenômeno global, influenciando profundamente as artes, a cultura e a sociedade.

Diante dessa trajetória, este estudo tem como objetivo analisar o desenvolvimento histórico do cinema desde a Belle Époque até sua consolidação na indústria de Hollywood, assim como contextualizar a história da sétima arte no Brasil. Busca-se discutir os principais marcos tecnológicos e estilísticos que caracterizaram esse período, bem como a influência das condições históricas e culturais na formação da linguagem cinematográfica. A evolução do cinema, do período inicial de registros documentais até a consolidação de narrativas complexas e ficcionais, demonstra sua capacidade de adaptação em diferentes cenários. O cinema reflete os contextos históricos e culturais de sua época, e contribui para a formação de imaginários coletivos.

As imbricações entre cinema e educação transcendem a simples exibição de filmes em sala de aula, mas possibilitam a formação de um olhar crítico sobre as produções audiovisuais e as mensagens que essas carregam. Assim como a alfabetização textual é essencial para a compreensão do mundo, a alfabetização audiovisual deve ser incorporada ao processo educativo, permitindo que os

estudantes desenvolvam habilidades de análise e interpretação crítica dos discursos fílmicos.

A justificativa para este estudo está na importância do cinema como um meio de co-

municação, educação e expressão artística, sendo fundamental compreender sua história para analisar seu impacto na sociedade. A relevância do cinema na educação também se manifesta em sua capacidade de proporcionar experiências estéticas, nas quais os estudantes podem visualizar e interpretar questões sociais e culturais de maneira mais concreta. Além disso, o cinema estimula debates sobre temas complexos, como identidade, ética, política e desigualdade social, favorecendo a formação cidadã e o desenvolvimento da argumentação crítica.

A metodologia adotada é de caráter bibliográfico e documental, baseada na revisão de textos acadêmicos, livros e artigos sobre a história do cinema. Este estudo contribui para melhor entendimento do cinema enquanto fenômeno histórico e cultural, ressaltando sua relevância como ferramenta de educação e formação crítica.

1 DA BELLE ÉPOQUE AO INÍCIO EM HOLLYWOOD: O CINEMA EM UMA TRAJETÓRIA HISTÓRICA

Ao longo de seus mais de 100 anos, a gramática cinematográfica criou uma linguagem profundamente rica; fruto da articulação de códigos e elementos distintos: imagens em movimento, luz, som, música, fala, textos escritos; o cinema tem a seu dispor infinitas possibilidades de produzir significados. Tudo depende do modo como são combinados luz e sombra, velocidade da câmera, captura dos espaços, ângulos de filmagem e, acima de tudo, da sequência temporal em que os planos (imagens entre dois cortes) são organizados na montagem. (DUARTE, 2009. p. 6).

O surgimento do cinema ocorreu no final do século XIX, um período marcado pela efervescência cultural, científica e tecnológica conhecido como Belle Époque (1871-1914). Essa era testemunhou avanços significativos nas áreas da eletricidade, dos transportes e das comunicações, bem como o florescimento das artes, da moda e do entretenimento. A expansão dos cafés, teatros e salões literários fomentou um intenso movimento intelectual e artístico.

Esse cenário foi caracterizado também pelo otimismo gerado pelo avanço industrial, e pela consolidação das grandes cidades. O cinema emergiu como uma

das mais significativas inovações dessa época, transformando-se rapidamente em uma das principais expressões artísticas e culturais da modernidade.

De acordo com Mascarello (2014, p. 17), no início do século XX, o cinema consolidou-se como a principal forma de comunicação visual, inaugurando uma era marcada pela centralidade das imagens. No entanto, quando surgiu, por volta de 1895, ainda não possuía uma linguagem própria e estava fortemente associado a outras manifestações culturais da época, como os espetáculos de lanterna mágica, o teatro popular, as ilustrações satíricas, as revistas ilustradas e os cartões postais. Os primeiros dispositivos de projeção cinematográfica foram introduzidos como mais uma inovação entre as diversas descobertas tecnológicas do final do século XIX. Inicialmente, essas invenções eram apresentadas como curiosidades em demonstrações para cientistas, palestras ilustradas e exposições universais, além de integrarem diferentes formas de entretenimento popular, como circos, parques de diversões, gabinetes de curiosidades e espetáculos de variedades.

A invenção do cinematógrafo pelos irmãos Lumière, em 1895, na França, é considerada o marco inicial da história do cinema. As primeiras exibições públicas de imagens em movimento surpreenderam espectadores acostumados às projeções estáticas da lanterna mágica e aos espetáculos teatrais tradicionais. O impacto do cinema foi imediato, pois combinava o fascínio pela reprodução da realidade com o encanto da novidade tecnológica. Os primeiros filmes, compostos por cenas do cotidiano e registros documentais, como A chegada do trem a estação de Ciotat (1895), refletiam o espírito da época e a crença no progresso.

Acerca dessa exibição, amplamente reconhecida como a primeira sessão pública de um filme, realizada no Grand Café, em Paris, Costa (2006) apud Reina (2019, 23) explica que:

Naquele momento histórico, os espectadores aguardavam ansiosamente para ver o que seria o primeiro filme exibido publicamente. Ao olharem para a tela, o que viram

foi um grande trem aproximando-se. Confusos com a imagem em movimento, muitos espectadores saíram correndo da sala, pensando tratar-se de um trem real. Assim foi realizada a primeira exibição, com o filme A chegada do trem a estação de Ciotat (1895), que mostrava exatamente a cena de um trem chegando a uma estação, nada mais.
Segundo Mascarello (2014, p. 18), as primeiras exibições de filmes ocorreram em 1893, utilizando um mecanismo intermitente. Nesse mesmo período, nos Estados Unidos, Thomas Edison patenteou um dispositivo chamado cinetoscópio, que permitia a visualização de imagens em movimento. Posteriormente, em 28 de dezembro de

1895, os irmãos Auguste e Louis Lumière realizaram, em Paris, uma apresentação comercial de seu cinematógrafo. No entanto, essa não foi a primeira exibição pública e paga de filmes. Dois meses antes, os irmãos Emil e Max Skladanovsky já haviam promovido, em um teatro de Berlim, uma demonstração de 15 minutos utilizando o bioscópio, aparelho empregado na projeção de suas produções cinematográficas.
A origem da criação do primeiro aparelho cinematográfico (cinematógrafo) é um tema marcado por controvérsias e diversas interpretações, com uma ampla gama de fontes sobre o assunto. Pode-se afirmar que essa invenção surgiu de maneira quase simultânea em diversos países europeus. Os dispositivos desenvolvidos receberam diferentes denominações e foram fruto de invenções de distintos criadores, tendo, inicialmente, a função de brinquedos. Exemplos disso incluem o taumatrópio (1825), um disco de papelão que, ao ser girado, criava a ilusão de movimento a partir de duas imagens estáticas, e o zootrópio (1834), que exibia uma sequência de imagens, também gerando a ilusão de movimento. Esses primeiros dispositivos, ao criarem a ilusão de movimento, podem ser considerados uma forma primitiva de animação. No entanto, a fotografia teve papel determinante para o desenvolvimento do cinema. A invenção de equipamentos que exploravam a imagem e as ilusões óticas, junto com as manifestações culturais da época, como os espetáculos de lanterna mágica, teatro popular e cartoons, evoluíram para o que hoje entendemos como cinema. Embora seja difícil apontar um único responsável pela criação da sétima arte, historicamente, a invenção é atribuída aos irmãos Lumière, que ganharam reconhecimento com o registro da patente do cinematógrafo. (SADOUL, 1963 apud REINA, 2019, p. 2019).
Durante a Belle Époque, o cinema expandiu-se rapidamente para além da França, alcançando outros países da Europa e os Estados Unidos. O desenvolvimento das técnicas de projeção e a criação de salas dedicadas exclusivamente às exibições impulsionaram a popularização da nova arte. Ao mesmo tempo, começaram a surgir as primeiras narrativas cinematográficas, com enredos mais elaborados e elementos ficcionais.
De acordo com Duarte (2009, p. 22), no começo do século XX, inúmeros dispositivos similares eram utilizados para capturar imagens em movimento nos mais diversos contextos. Esses registros, de caráter documental, buscavam retratar cenas do cotidiano, panoramas urbanos e rurais, além de hábitos e costumes de sociedades distintas, tanto geográfica quanto culturalmente.

Neste sentido, Mascarello (2014, p. 18), destaca que:
A história do cinema faz parte de uma história mais ampla, que engloba não apenas a história das práticas de projeção de imagens, mas também a dos divertimentos populares, dos instrumentos óticos e das pesquisas com imagens fotográficas. Os filmes são uma continuação na tradição das projeções de lanterna mágica, nas quais, já desde o século XVII, um apresentador mostrava ao público imagens coloridas projetadas numa tela, através do foco de luz gerado pela chama de querosone, com acompanhamento de vozes, música e efeitos sonoros. Muitas placas de lanterna mágica possuíam pequenas engrenagens que permitiam movimento nas imagens projetadas. O uso de mais de um foco de luz nas apresentações mais sofisticadas permitia ainda que, com a manipulação dos obturadores, se produzisse o apagar e o surgir de imagens ou sua fusão. O cinema tem sua origem também em práticas de representação visual pictória, tais como

os panoramas e os dioramas, bem como nos 'brinquedos ópticos' do século XIX

Os primeiros anos do cinema foram marcados por uma intensa transformação tecnológica, estética e narrativa. As produções se restringiam a registros documentais e cenas cotidianas, como nos filmes dos irmãos Lumière, mas rapidamente evoluíram para narrativas ficcionais mais elaboradas, impulsionadas pelo pioneirismo de cineastas como Georges Méliès. O período foi fundamental para a consolidação da sétima arte, com o desenvolvimento de elementos fundamentais para a construção da linguagem do cinema.

Transformação constante. Essa talvez seja a melhor maneira de descrever os primeiros 20 anos do cinema, de 1895 a 1915. Diferentemente da estabilidade que caracterizou o cinema hollywoodiano clássico entre 1915 e o início da televisão nos anos 1950, esse primeiro cinema testemunhou uma série de reorganizações sucessivas em sua produção, distribuição e exibição. (MASCARELLO, 2014, p. 17).

A industrialização do cinema, especialmente nos Estados Unidos, foi um fator determinante para a consolidação da indústria cinematográfica e para o surgimento da Hollywood clássica. No início do século XX, o crescimento da demanda por filmes impulsionou a criação dos primeiros estúdios, que passaram a adotar um modelo de produção padronizado, baseado na divisão do trabalho e na especialização técnica. Esse sistema permitiu a realização de filmes em larga escala, e maior controle sobre todas as etapas da produção, desde o roteiro até a distribuição. A centralização da indústria na região de Hollywood foi favorecida por fatores como o clima estável da Califórnia, que permitia filmagens ao ar livre durante todo o ano, e a busca por maior independência em relação às patentes controladas por Thomas Edison. Desta forma, os estúdios passaram a dominar a produção cinematográfica mundial.

Para compreender a velocidade com que o cinema evoluiu, conforme Mascarello (1014, p. 49):

Em 1913 a indústria cinematográfica começou a ganhar respeitabilidade, dirigindo uma parcela cada vez maior do público para teatros luxuosos e caros. Poucos anos depois, em 1917, a maioria dos estúdios norte-americanos já se localizavam em Hollywood e a duração dos filmes tinha aumentado de um rolo para 60 ou 90 minutos. Eram os chamados longas- metragens (feature films). Os cineastas já conseguiram dominar as convenções formais que haviam sido experimentadas no período anterior. A transição para os longas foi gradual e liderada pelos filmes europeus de múltiplos rolos - principalmente os épicos italianos -, que eram distribuídos nos EUA fora do controle da MPPC e dos independentes, viajando pelo país como atrações teatrais exibidas em teatros elegantes. Foram o lucro e a popularidade desses espetaculares filmes de época europeus que convenceram a indústria norte-americana a fazer filmes mais longos. (MASCARELLO, 2014, p. 49).

Se as primeiras exibições consistiam em registros estáticos da realidade, sem qualquer experimentação narrativa ou estética, à medida que cineastas começaram a explorar seu potencial expressivo, o cinema evoluiu rapidamente, incorporando diversos elementos. O desenvolvimento dessas técnicas transformou a exibição de imagens em movimento em uma nova forma de arte e comunicação, permitindo a criação de narrativas complexas. Essa evolução demonstra como a experimentação e a adaptação às possibilidades tecnológicas foram essenciais para consolidar o cinema não apenas como um meio de entretenimento, mas também como uma poderosa ferramenta cultural e artística, capaz de influenciar e dialogar com a sociedade de seu tempo.

No Brasil, os primeiros aparelhos de projeção chegaram entre 1896 e 1898. Entre 1908 e 1911, foram produzidos curta-metragens que retratavam a atualidade e paisagens, além de longa-metragens de ficção. As salas de exibição no Rio de Janeiro atraíam grandes públicos, que assistiam a dramas, revistas musicais e, sobretudo, reconstituições de crimes conhecidos pela população. No entanto, na segunda década do século XX, os filmes estrangeiros passaram a dominar o mercado, e a produção nacional só reto-

maria força a partir de meados da década de 1920, período em que surgiram importantes clássicos do cinema mudo. Em 1937, um marco significativo, quando o então presidente Getúlio Vargas criou o Instituto Nacional de Cinema Educativo – INCE, com o propósito de fomentar a produção de filmes nacionalistas que valorizassem a cultura brasileira. Já entre o final da década de 1950 e meados dos anos 1970, surgiram os movimentos Cinema Novo e Cine Marginal, que

> trouxeram novas perspectivas à produção cinematográfica nacional. As décadas seguintes foram caracterizadas por um período de estabilidade e fortalecimento do cinema brasileiro, seguido por um novo declínio a partir de 1990. Entretanto, em meados da década de 1990, graças à criação de leis de incentivo fiscal, o cinema nacional ressurgiu, promovendo produções inovadoras e diversas, que garantiram ao Brasil reconhecimento no cenário internacional. (DUARTE, 2009, p. 32).

2 AS IMBRICAÇÕES ENTRE CINEMA E EDUCAÇÃO

> [...] filme como objeto de estudo não implica negar a magia e o encantamento que eles provocam em seus espectadores. Não é preciso recusar ao filme sua condição de arte (enquanto expressão de ideias e sentimentos) para entendê-lo como um produto cultural que reflete e veicula valores e crenças das sociedades em que está imerso. Em nossas análises, assim como no uso de filmes em contexto educativo, não nos cabe despedaçá-los, destrinchá-los em fragmentos insignificantes e descontextualizados até que percam o encanto e o poder de sedução. Ver e interpretar filmes implica, acima de tudo, perceber o significado que eles têm no contexto social do qual participam. (DUARTE, 2009, p. 92).

O cinema, ao longo do tempo, foi se consolidado como uma ferramenta de grande potencial no campo educativo. Sua capacidade de unir narrativa, imagem e som oferece uma experiência sensorial que permite aprendizagens dinâmicas e que envolvem os estudantes. A introdução de conteúdos em formato audiovisual propicia o acesso a informações importantes, mas sobretudo, a oportunidade de desenvolver habilidades críticas.

Da mesma forma que a alfabetização textual é fundamental para a participação cidadã na sociedade, a alfabetização audiovisual deve ser considerada uma competência essencial no processo formativo, permitindo aos sujeitos desenvolverem uma leitura crítica das representações fílmicas. Nesse contexto, Duarte (2009, p. 68), destaca o papel fundamental da escola na oferta de subsídios aos estudantes, garantindo-lhes os recursos para desenvolver uma análise crítica da arte cinematográfica:

> Se os domínios dos códigos que compõem a linguagem audiovisual constituem poder em sociedades que produzem e consomes esse tipo de artefato, é tarefa dos meios educacionais oferecer os recursos adequados para a aquisição desse domínio e para a ampliação da competência para ver, do mesmo modo como fazemos com a competência para ler e escrever.

A produção e o consumo de conteúdos da sétima arte exercem influência direta sobre a construção do conhecimento e das representações de mundo. Diante disso,

> é imprescindível que os meios educacionais assumam a responsabilidade de fornecer os instrumentos necessários para que os indivíduos possam interpretar as narrativas audiovisuais, e produzir seus próprios discursos de maneira consciente e reflexiva.

A crescente presença do audiovisual nos mais diversos âmbitos da vida social torna evidente a necessidade de ampliar as metodologias educacionais para incluir a análise e a produção de conteúdos midiáticos como parte integrante do currículo. A formação de um olhar crítico sobre as produções cinematográficas favorece a compreensão dos códigos que estruturam essas narrativas, e contribui para o desenvolvimento de uma autonomia intelectual.

A interação com filmes e documentários permite que os educandos compreendam contextos históricos, culturais e sociais de maneira mais profunda, ao mesmo tempo

que os desafia a refletir sobre diferentes interpretações. A utilização do cinema no ambiente escolar fomenta um espaço diferenciado para a discussão, com possibilidades até mesmo de abordar temas complexos, tais como ética, política, identidade e conflitos sociais. A arte fílmica oferece um ponto de partida para debates que estimulam a análise e a capacidade de argumentação. Para além do cumprimento dos conteúdos presentes nos currículos, o cinema se revela como um poderoso instrumento para a construção do conhecimento, além de ser uma forma de entretenimento prazerosa.

Neste sentido, Duarte (2009, p. 16) ressalta que:

É inegável que as relações que se estabelecem entre espectadores, entre estes e o filmes, entre cinéfilos e cinema e assim por diante são profundamente educativas. O mundo do cinema é um espaço privilegiado de produção de 'sociabilidade' [...], ou seja, [...] possibilidade de interação plena entre desiguais, em função de valores, interesses e objetivos comuns.

A integração do cinema na educação transcende as disciplinas tradicionais e abre possibilidades para a interdisciplinaridade. A combinação de arte, história, sociologia e literatura, por exemplo, é ampliada pela linguagem cinematográfica, que promove uma visão abrangente dos fenômenos estudados. É essencial configurar esse espaço como de criação e imaginação, estimulando a capacidade dos estudantes de pensar fora dos limites do senso comum.

Segundo Duarte (2009, p. 17), as representações da história da humanidade são amplamente influenciadas pelas imagens cinematográficas com as quais o indivíduo entra em contato ao longo de sua vida. Ainda que possua um conhecimento intelectual sólido sobre determinados acontecimentos históricos, o cinema exerce um

papel significativo na construção do imaginário coletivo, uma vez que suas representações visuais têm o potencial de marcar a percepção e a memória dos espectadores, muitas vezes se sobrepondo às informações adquiridas por outros meios.

A força do cinema na construção do imaginário histórico se deve, em grande parte, à sua capacidade de envolver o espectador por meio de uma narrativa sensorial. Diferente de fontes textuais ou documentais, que exigem um processo mais analítico de interpretação, as imagens cinematográficas combinam elementos visuais, sonoros e dramáticos para recriar eventos históricos de maneira imersiva. Esse aspecto torna o cinema um meio poderoso na mediação do passado, e suscita questionamentos sobre a veracidade e a intencionalidade dessas representações. Muitas produções fílmicas sofrem interferências de fatores ideológicos e comerciais, moldando a forma como o público percebe certos períodos e personagens da história.

Uma educação crítica, voltada para a leitura e interpretação das narrativas audiovisuais, deve possibilitar uma compreensão mais aprofundada dos conteúdos históricos veiculados pelo cinema, e também propiciar ao estudante a capacidade de compreender suas estruturas narrativas, suas escolhas estéticas, os interesses que podem orientar suas representações, diferenciar fatos de ficções, reconhecer contextos distintos e questionar discursos que influenciam a construção da memória coletiva.

As conexões entre cinema e educação se expandem constantemente, impulsionadas por novas iniciativas e projetos que promovem esse diálogo. Essencialmente, trata-se de um processo criativo que estabelece novas relações entre pessoas, lugares, tempos e elementos distintos. O cinema, nesse sentido, funciona como uma janela que nos permite acessar realidades distantes, seja no espaço ou no tempo, oferecendo uma perspectiva que ultrapassa os limites da observação direta. Ao mesmo tempo, essa janela pode se transformar em um espelho, proporcionando uma jornada introspectiva que revela aspectos desconhecidos de nós mesmos. A tela de cinema (ou o visor da câmera) assume, assim, o papel de uma membrana que possibilita novas formas de comunicação, tanto com o outro – compreendido como a alteridade do mundo, das pessoas, das coisas e dos sistemas – quanto consigo mesmo. Diante dessas novas possibilidades, a educação também se transforma, reconfi-

gurando-se para incorporar as potencialidades do cinema como ferramenta de aprendizado e reflexão. (FRESQUET, 2013, p. 9).

CONCLUSÃO

A trajetória histórica do cinema, desde a Belle Époque até sua consolidação como indústria cultural no mundo, evidencia seu impacto na sociedade e nas formas de comunicação. Seu desenvolvimento estético e técnico transformou a maneira como as narrativas são construídas, refletindo e influenciando contextos históricos e culturais. O cinema, muito mais do que apenas registrar a realidade, tem potencial de apresentar significados, proporcionando experiências estéticas e promovendo debates fundamentais para a formação cidadã.

Diante que foi exposto no texto, ratifica-se que a pesquisa sobre a história do cinema é fundamental para compreender a evolução da linguagem cinematográfica e a interpretação de códigos que permitam realizar uma análise crítica acerca de suas estruturas narrativas e suas escolhas estéticas, questionando os discursos que influenciam a construção da memória coletiva.

A partir da pesquisa realizada, constata-se o reconhecimento da influência do cinema sobre diversas formas artísticas, bem como sua relação com os meios de comunicação e sua contribuição para a formação do pensamento crítico. O cinema é também um veículo de registro histórico e um agente de transformação social, capaz de moldar percepções, questionar paradigmas estabelecidos e promover reflexões profundas sobre a realidade social. Essa dinâmica revela o cinema como um elemento imprescindível na construção de discursos que influenciam os rumos da sociedade.

A conexão entre cinema e educação reforça a importância da alfabetização audiovisual como uma competência essencial na formação dos sujeitos. O uso pedagógico do cinema permite o desenvolvimento de habilidades de análise e interpretação, capacitando os estudantes a compreenderem os discursos midiáticos e sua influência na construção do conhecimento. A escola, nesse contexto, deve assumir o papel de mediadora na formação de um olhar crítico sobre as produções fílmicas, incentivando reflexões que ultrapassem a mera apreciação estética.

Por fim, o cinema se afirma não apenas como uma expressão artística e cultural, mas também como um poderoso instrumento de educação e formação cidadã. Seu estudo e utilização no ambiente acadêmico são fundamentais para que possamos compreender as transformações sociais e históricas, bem como estimular o pensamento crítico e reflexivo.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Rosália. Cinema & Educação. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

FRESQUET, Adriana. Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

MASCARELLO, Fernando (org). História do cinema mundial. 1. ed. Campinas: Papirus, 2014.

REINA, Alessandro. Teorias do cinema. Curitiba: Editora Intersaberes, 2019.